

Sempre amor

MORNO, ansioso, da morte à casa que deixara...
Os meus, o lar, o amor... eis tudo o que ambiciono!
Entro! Lá fora, o parque, a tristeza, o abandono...
Mormaço, plenilúnio, o vento a noite clara...

Debalde grito, corro, observo, inspeciono...
Subo! Um morcêgo ronda a pequena almenara...
Nada! Ninguém me espera. A vida desertara.
Tudo silêncio e pó de tapera sem dono...

Sofro desilusão que o mundo não descreve,
Mas alguém abre a porta e me chama, de leve...
Fito pobre mulher... Na face, o olhar sem brilho...

Conheço-a!... Minha mãe!... Quanta saudade quanta!...
Vem lembrar-me a rezar... Beijo-lhe as mãos de santa!...
Ela chora e repete: "Ah! meu filho! meu filho!..."

Jorge Matos

Encontro no Lar

QUVI hoje, Mãezinha, os poemas que te exaltam
a glória e, como acontece em tantos outros dias,
minha memória te buscou nas telas do tempo!
O passado desfilou à frente de meus olhos, e tornei
a escutar as palavras com que te magoei, recordando
as ações infelizes com que, tantas vezes, te deixei
arrasada, entre o assombro e a aflição!...

Tornei a ver-te debruçada, em pranto sôbre mim,
quando leve mal-estar me tomava o corpo, suplican-
do a Deus me poupasse ao teu carinho, a mim que te
roubava a mocidade e atormentava o coração... E
reconstitui na lembrança o teu sorriso de ventura,
quando a saúde, de nôvo, me coloria a face!...

Depois, revi mais... Minha vida foi arrastada
para fora de teu convívio pelas intimações do mundo,
assim como o barco se desgarra do refúgio, arrebatado
pelos golpes do vento. Então, nem o dinheiro e
nem o conforto, nem o apôio social e nem a cultura
da inteligência me apagaram a sêde de retornar-te à
presença, a fim de sentir-me outra vez no calor de
teu regaço que me guardava no lar, à feição da pai-
na forrando o ninho.

Nada encontrei que se te assemelhasse à ternu-
ra!...

Anjo, como desceste da luz divina para as som-